

40% da indústria fechou o ano passado em crise

De 93 subsetores, 37 acumularam queda na produção maior que 1% em relação a 2017, aponta Iedi; perspectivas para 2019 são positivas

Daniela Amorim e José Maria Tomazela, O Estado de S.Paulo

RIO - Depois que a recessão ficou para trás, a recuperação gradual da atividade econômica em 2017 trouxe esperança de dias melhores no setor industrial.

Mas 2018 revelou-se como uma sucessão de baldes de água fria.

Quatro em cada 10 segmentos da indústria de transformação encerraram o ano em crise, segundo levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) obtido com exclusividade para o Estadão/Broadcast.

Dos 93 subsetores industriais investigados, 37 enfrentavam uma crise de moderada a fulminante, ou seja, 40% dos segmentos industriais acumularam uma queda na produção maior que 1% no ano em relação a 2017. Outros 14 segmentos ficaram estagnados.

O levantamento foi feito com base na Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo o Iedi, 2018 trouxe maior fragilidade para a recuperação industrial, com uma desaceleração bastante disseminada entre os segmentos pesquisados.

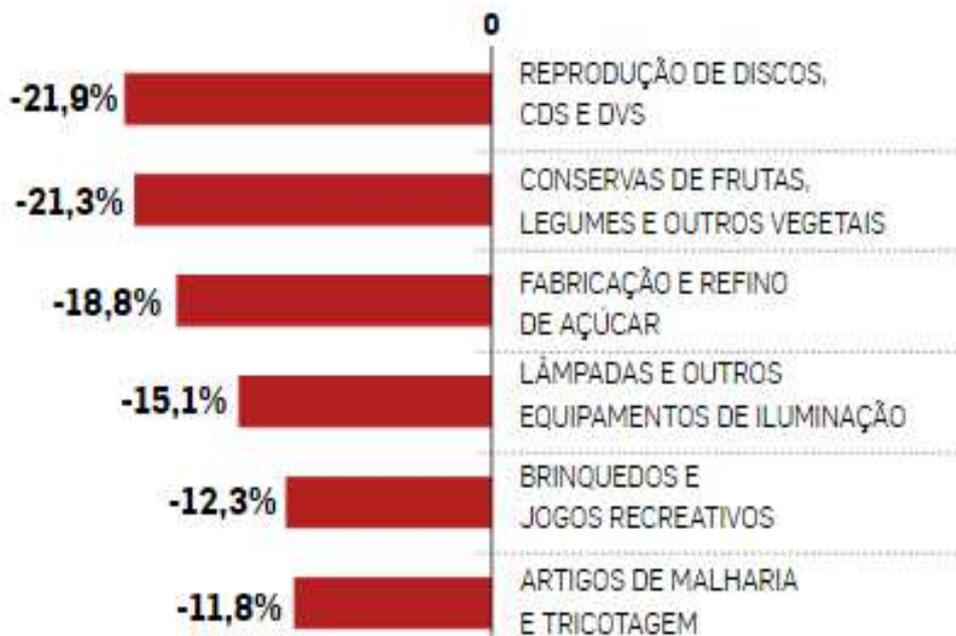
Segundo Rafael Cagnin, economista-chefe do Iedi, os segmentos que fecharam em queda são muito ligados aos fluxos de renda e à desaceleração do setor industrial como um todo.

“Entre os que estão com melhor desempenho, há vários que tinham uma base de comparação muito baixa ou com perfil muito exportador, como fabricantes de papel e celulose, produtos de carnes, caminhões e ônibus, tratores e equipamentos agrícolas.”

INFORME

Desempenho fraco

Quatro em cada 10 segmentos da indústria de transformação encerraram o ano em crise



Fonte: IEDI E IBGE

ESTADÃO

Pelo menos cinco dos 37 subsetores em crise em 2018 pertenciam à indústria têxtil. “Os anos de 2015 e 2016 foram uma catástrofe. Em 2017, crescemos. Terminamos o ano numa trajetória positiva, e nosso prognóstico para 2018 era um PIB com crescimento em torno de 3%”, lembrou o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Valente Pimentel.

Segundo Pimentel, 2018 ia razoavelmente bem até abril. Em maio, a greve de caminhoneiros começou a mudar o rumo do setor. “Esse quadro foi muito frustrante”, definiu Pimentel.

A greve dos caminhoneiros provocou uma desorganização da produção industrial brasileira, reforçou Bernardo Almeida, analista da Coordenação de Indústria do IBGE. “Além disso, as incertezas eleitorais prejudicaram as decisões tanto de consumo quanto de investimentos.”, enumerou Almeida.

INFORME

A indústria nacional cresceu 2,3% no primeiro semestre de 2018, em relação ao mesmo período do ano anterior. No segundo semestre, a conjuntura menos favorável se traduziu num freio na produção, houve apenas ligeira alta de 0,1%, de acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE.

Almeida lembra que a indústria encerrou o ano com avanço de 1,1%, mas ainda sustentada pelo desempenho positivo do início de 2018. “Nós corremos o risco de trocar um processo de recuperação por um processo de banho-maria, de andar de lado”, alertou Rafael Cagnin, do Iedi. “A contar pelo quarto trimestre de 2018, o primeiro trimestre de 2019 vai ser difícil, há um ajuste. Foi um freio muito forte ao longo do ano passado inteiro. O ano de 2019 vai depender muito de quais indicativos que a equipe econômica vai dar. Apesar dos indicadores econômicos mais favoráveis, ainda há incertezas no cenário doméstico”, acrescentou.

As perspectivas para este ano, porém, ainda são otimistas. Em 2019, o mercado externo deve atrapalhar menos a indústria, enquanto a demanda doméstica pode ajudar mais, prevê o superintendente de Estatísticas Públicas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Aloisio Campelo.

“O desempenho deve ser melhor do que no ano passado ao longo dos trimestres, mas não será exuberante, até porque a Pesquisa Industrial Mensal traz um carregamento estatístico negativo”, disse Campelo. “No segundo semestre, a indústria pode ganhar um pouco mais de ritmo, dependendo da aprovação das reformas que estão sendo apresentadas pelo governo”, reforçou.

Crise prolongada

Uma das mais tradicionais confecções de Sorocaba, no interior de São Paulo, a Rota Uniformes está desde 2014 com quase a metade de suas máquinas paradas. “Naquele ano, quando as vendas começaram a despencar, estávamos com 93 funcionários.

Hoje, temos 47 e só conseguimos sobreviver porque demitimos no momento certo. Se a gente esperasse mais, talvez não tivesse como pagar os encargos trabalhistas”, diz o empresário João Francisco Guariglia.

O dono da Rota conta que a expectativa era de que a retomada fosse mais rápida, mas a crise se prolongou. “Em 2017, havia expectativa de melhora, mas no setor de confecções ela não ocorreu. Depois de atingir o fundo do poço em 2016, conseguimos estabilizar, mas não houve crescimento em 2017 nem no ano passado.” A queda nas vendas das

INFORME

confecções reduziu a produção e atingiu também as indústrias de tecidos. “Apenas as grandes indústrias têxteis sobreviveram à duras penas”, diz.

Este ano, a Rota espera crescer 5% em produção e vendas. “É uma meta que temos de alcançar para manter o quadro de funcionários e a saúde da empresa. Estamos vivos, mas na UTI. Para voltar ao quarto ainda leva um tempo.”

A empresa produz em média 15 mil peças por mês, volume que, no pico da produção, em 2014, era de 25 mil peças. Do total, 40% são uniformes escolares e 60% são vestimentas profissionais.

A Rota trabalha só com tecidos nacionais, em razão da melhor qualidade, segundo Guariglia. Muitos uniformes têm o selo antipilling (bolinhas) e proteção contra raios ultravioletas.

O empresário afirma que um lance de sorte, em 2014, ajudou a empresa a sobreviver.

“Numa feira, em Santa Catarina, encontrei uma máquina de corte e enfiadeira automática de R\$ 1,1 milhão.

Estava quase pegando dinheiro a juros bancários, quando vi uma linha de crédito no BNDES. Foi sacramentar o negócio e, dias depois, a linha foi suspensa. Quem financiou em banco não aguentou”.

Segundo o empresário, se houver retomada rápida, vai faltar mão de obra. “Preciso de costureira e não acho. Como a crise foi longa, quem saiu foi para outra atividade. Procurei um mecânico que trabalhou com a gente, mas agora ele faz transporte escolar. Começou com uma van e está com três, não tem como voltar para o setor.”

A tradição da família Guariglia em confecção começou há 60 anos, quando a mãe de João começou a bordar enxovais para recém-nascidos. Logo ela e o marido montaram uma pequena loja, no centro de Sorocaba, que se transformou na Cirandinha, com foco na confecção de enxovais para batizados.

Em 1986, João e seu irmão, ambos engenheiros, começaram a produzir uniformes profissionais. Em 2000, ele deixou a sociedade para fundar a Rota, a maior do segmento na região. “Passamos por muitas situações difíceis, mas nenhuma crise foi tão séria quando esta”.

(Fonte: Estado de SP – 12/02/2019)

4

FOLHA DE S.PAULO

Tecnologia divide trabalho nos EUA em ilha de supersalários e oceano de péssimos empregos

Maioria das novas vagas na cidade são no setor de serviços, área cuja remuneração é medíocre

PHOENIX - É difícil ignorar a persistente ambição tecnológica onipresente em Phoenix, uma vasta metrópole no meio do deserto.

Há uma fábrica da Intel que está sendo construída ao custo de US\$ 7 bilhões (R\$ 26,1 bilhões), para produzir chips de sete nanômetros em Chandler; em Scottsdale, a Axon, fabricante da arma de choque Taser, vem contratando talento do Vale do Silício, enquanto adota a automação para atender à demanda crescente por seus produtos. Startups em ramos variados como o de aeronaves autoguiadas e o do blockchain estão afluindo à região, atraídas em parte pela regulamentação moderada e pelos incentivos fiscais. E a Universidade Estadual do Arizona vem formando engenheiros em ritmo furioso.

E no entanto, apesar de todo o seu sucesso em fomentar a criação de empresas na fronteira da tecnologia, Phoenix não consegue escapar a um padrão desconfortável que vem se estabelecendo na economia dos Estados Unidos: a despeito de todos os seus novos e reluzentes negócios de alta tecnologia, a vasta maioria dos novos empregos criados na cidade são no setor de serviços, como saúde, hotelaria, varejo e serviços gerais – áreas cujos salários são medíocres.

As previsões sobre um país em que os robôs farão todo o trabalho enquanto os seres humanos vivem de algum programa de bem-estar social que ainda não foi inventado parecem um sonho ingênuo do Vale do Silício.

Mas a automação está mudando a natureza do trabalho e expulsando trabalhadores de baixa escolaridade de setores produtivos como a indústria e os serviços de alta tecnologia, relegando-os a trabalhos de salário miserável e sem perspectiva de avanço.

A automação está dividindo a força do trabalho dos Estados Unidos em dois mundos. Há uma pequena ilha de profissionais de alta escolaridade que ganham ótimos salários em empresas como a Intel e a Boeing, cujos lucros são da ordem de centenas de milhares de dólares por trabalhador. Esse ilha fica no meio de um mar de trabalhadores com escolaridade mais baixa, presos a empregos em hotéis, restaurantes e casas de repouso, 5

INFORME

que produzem lucro muito menor por trabalhador e só se mantêm viáveis ao pagar salários baixos.

Mesmo os economistas estão reavaliando sua crença em que a maré do progresso tecnológico carrega todos os barcos com ela, e começam a se preocupar com a nova configuração do trabalho.

Pesquisas recentes concluíram que os robôs estão reduzindo a demanda por trabalhadores e afetando negativamente os salários, que estão subindo menos do que a produtividade dos trabalhadores. Alguns economistas concluíram que o uso de robôs explica o declínio na fatia da renda nacional que vai para os salários dos trabalhadores, nas três últimas décadas.

Porque empurra os trabalhadores para as áreas menos produtivas da economia, a automação também ajuda a explicar um dos paradoxos econômicos mais espinhosos: a despeito dos avanços na tecnologia da informação, e das grandes inovações na inteligência artificial e robótica, o crescimento geral da produtividade continua lento.

"A visão de que não devemos nos preocupar com qualquer dessas coisas, e de que basta acompanhar a tecnologia para onde quer que ela nos leve, é insana", disse Daron Acemoglu, economista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

Fabricantes de semicondutores como a Intel e a NXP estão entre as empresas mais bem sucedidas da região de Phoenix. De 2010 a 2017, a produtividade dos trabalhadores dessas empresas - uma medida do valor em dólar do que eles produzem - cresceu em cerca de 2,1% ao ano, de acordo com uma análise conduzida por Mark Muro e Jacob Whiton, da Brookings Institution. Os salários são ótimos: em média, US\$ 2.790 (R\$ 10.406) por semana, de acordo com estatísticas do governo.

Mas o setor não gera tantos empregos assim. Em 2017, o setor de semicondutores e equipamentos correlatos empregava 16,6 mil pessoas na região de Phoenix, cerca de 10 mil a menos que três décadas antes.

O mesmo se aplica a todo o cenário da alta tecnologia. A fabricação de aviões empregava 4.234 pessoas em 2017, ante 4.028 em 2010. Os serviços de projeto de sistemas de computação empregavam 11 mil pessoas em 2017, ante sete mil em 2010.

O grosso dos empregos de Phoenix, porém, fica do outro lado da divisa econômica - na área da baixa produtividade. Os serviços gerais, por exemplo zeladores e jardineiros, empregavam quase 35 mil pessoas na região em 2017, e a saúde e serviços sociais respondiam por 254 mil trabalhadores. Restaurantes e outros estabelecimentos de

INFORME

alimentação empregavam 136 mil trabalhadores, 24 mil a mais do que no pior momento da mais recente recessão, em 2010. O salário médio desses trabalhadores todos é de menos de US\$ 450 (R\$ 1.678) por semana.

Os 58 setores mais produtivos em Phoenix –com produtividade da ordem de US\$ 210 mil (R\$ 783 mil) a US\$ 30 milhões (R\$ 111,9 milhões) por trabalhador, de acordo com a análise de Muro e Whithon–empregavam apenas 162 mil pessoas em 2017, 14 mil a mais do que em 2010. O emprego nos 58 setores de mais baixa produtividade, nos quais o lucro máximo é de US\$ 65 mil (R\$ 242 mil) por trabalhador, cresceu 10 vezes mais no período, para 673 mil postos de trabalho.

O mesmo vale para a economia dos Estados Unidos como um todo. O emprego cresce na saúde, serviços sociais, hospedagem, alimentação, serviços gerais e serviços de coleta de resíduos. Não só é difícil automatizar algumas dessas tarefas como os empregadores não têm grande incentivo financeiro a substituir os trabalhadores de baixos salários por máquinas.

Do outro lado do espectro, o peso dos setores altamente produtivos, como finanças, indústria, serviços de informação e comércio atacadista, no emprego total caiu ao longo dos últimos 30 anos.

Os economistas enfrentam dificuldades para compreender o fenômeno. Porque estavam convictos de que a tecnologia inevitavelmente conduz a empregos melhores e salários mais altos, eles resistiram por muito tempo à ideia de que os ludditas, um movimento do século 19 que destruía as máquinas que estavam roubando os empregos trabalhadores, talvez tivessem alguma razão.

"No cânone econômico padrão, a proposição de que é possível elevar a produtividade e ao mesmo prejudicar a mão de obra é tratada como piada", disse Acemoglu.

Ao baixar os preços e elevar a qualidade, a tecnologia deveria causar alta na demanda, e isso exigiria mais empregos. Além disso, os economistas pensavam, trabalhadores mais produtivos teriam rendas maiores. Isso criaria demanda por coisas novas, até então impensadas, que alguém teria de produzir.

Para provar seus argumentos, os economistas apontavam confiantemente para um dos grandes saltos tecnológicos dos últimos séculos, a chegada da era industrial para substituir a economia rural.

Em 1900, 12 milhões de americanos trabalhavam na agricultura. Em 2014, tratores, colheitadeiras e outros equipamentos haviam, expulsado 10 milhões de pessoas do setor. 7

INFORME

Mas enquanto o emprego agrícola declinava, a indústria criava empregos ainda mais rápido. O que aconteceu? As novas máquinas agrícolas criaram uma alta de produção e reduziram o preço das mercadorias, enquanto a demanda por produtos agrícolas crescia. E os agricultores puderam usar suas rendas mais altas para adquirir mais produtos industriais inovadores.

As novas indústrias eram altamente produtivas e estavam sujeitas a avanço tecnológico em ritmo alucinante. Tecelões perderam seus empregos quando os teares industriais foram criados; secretários perderam seus empregos para o Microsoft Windows. Mas cada giro novo da roda da tecnologia, dos brinquedos plásticos aos televisores e computadores, resultava em renda maior para os trabalhadores e em produtos e serviços mais sofisticados para que eles comprassem.

Na atual revolução tecnológica, algo diferente está acontecendo. Em um novo estudo, David Autor, do MIT, e Anna Salomons, da Universidade Utrecht, constataram que, nos últimos 40 anos, o nível de emprego caiu em cada setor que introduziu tecnologias para elevar sua produtividade.

O único motivo para que o emprego não tenha caído em toda a economia é que outros setores, onde o crescimento da produtividade é menor, cobriram a diferença. "O desafio não é a quantidade de empregos", eles escreveram. "O desafio é a qualidade dos empregos disponíveis para os trabalhadores de baixa e média capacitação".

Adair Turner, pesquisador sênior do Institute for New Economic Thinking, em Londres, argumenta que a economia atual se assemelha ao que teria acontecido caso os agricultores tivessem gastado a renda adicional que os tratores e colheitadeiras lhes proporcionaram para contratar empregados domésticos. A produtividade no trabalho doméstico não cresce com tanta rapidez. À medida que mais e mais trabalhadores se transferissem da agricultura para o trabalho doméstico, o crescimento da produtividade na economia como um todo teria se estagnado.

"Até alguns anos atrás, eu não via esse tema como muito complicado: os ludditas estavam errados e as pessoas que acreditavam na tecnologia e no progresso tecnológico estavam certas", disse Lawrence Summer, antigo secretário do Tesouro americano e consultor econômico da Casa Branca, em uma palestra no National Bureau of Economic Research, cinco anos atrás. "Hoje já não tenho tanta certeza".

Tradução de **PAULO MIGLIACCI**
THE NEW YORK TIMES

(Fonte: Folha de SP – 12/02/2019)